MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLVII

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2024

MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

O presente tomo das *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras* reúne as comunicações apresentadas nas sessões académicas da Classe de Letras no ano de 2019.

Título: Memórias da Academia das Ciências de Lisboa
Classe de Letras
Tomo XLVII
Edição: Academia das Ciências de Lisboa
Impressão: Gráfica 99
Data de impressão: 2024
ISSN: 0378-116X
Depósito legal: 61370/92
DOI: https://doi.org/00000

Algumas considerações sobre a polémica do "Desejado', que opôs António Sérgio e Carlos Malheiro Dias

Rafael Gomes Filipe

"EVOCAÇÃO DE ANTÓNIO SÉRGIO POR OCASIÃO DO CINQUENTENÁRIO DA SUA MORTE"

Surpreendendo Sérgio pouco antes do deflagrar da polémica com Malheiro Dias, vemo-lo a prosseguir o seu apostolado pela "ressurreição do Espírito Crítico", em seu entender ausente do país desde o século XVII, depois de uma breve passagem pelo ministério da Instrução Pública, em finais de 1923, no governo presidido por Álvaro de Castro. Sérgio não tardou a demitir-se, por não ter conseguido fazer aprovar pelo Parlamento o seu projecto de um Junta de Propulsão dos Estudos[1].

Quanto a Malheiro Dias, que voluntariamente se exilara no Brasil após a proclamação da República, em 1910, a direcção da "História da Colonização Portuguesa no Brasil" trouxe-o frequentes vezes a Portugal no início dos anos 20, já que essa obra colectiva, a muitos títulos notável, estava a ser impressa no Porto. Pôde então estabelecer contacto com elementos do grupo do "Integralismo Lusitano", como simpatizante, mas sem aderir à dinâmica facção monárquica conservadora, onde o próximo futuro Estado Novo colheria não poucas sugestões doutrinais e, pelo menos de início, alguns colaboradores influentes[2].

I

Analisemos agora, sucintamente, as diferentes "peças" da polémica. Sérgio abordara pela primeira vez o sebastianismo a propósito do livro *A Evolução do Sebastianismo,* de João Lúcio de Azevedo. Nesse seu ensaio, *Interpretação Não*

---

[1] Gomes Filipe, R., p. 15.
[2] Ibidem.

Romântica do Sebastianismo, publicado pela primeira vez na revista *Águia* de Julho--Agosto de 1917, sustenta Sérgio a hipótese de o messianismo português (de que o sebastianismo seria uma fase) se ter originado, não de uma psicologia de *raça*, como o defenderam Teófilo Braga e Oliveira Martins, mas de *condições sociais* semelhantes às do povo hebreu, reforçadas pelas *ideias* do respectivo messianismo. Condições essas que Sérgio resume numa consciência de "queda", acompanhada da falta de verdadeira independência. Por outro lado, a esperança num Messias, num Desejado, num Redentor, seria comum a todos os povos, embora a situação social e mental de Judeus e Portugueses intensificasse, nestes dois povos, a tendência comum a todos[3]. E Sérgio conclui esse seu breve trabalho com palavras incisivas:

"Em Portugal o messianismo terá vida (ou poderá tê-la) enquanto se impuser a este povo, a contrapor à sua fictícia e tão efémera grandeza, o espectáculo persistente da sua lúgubre decadência (acrescido à falta de uma boa elite — que lhe dê ensino de racionalismo de método, de clareza mental). E creio que na reforma da mentalidade, indispensável neste momento, em salvadora reacção contra os fumos do romantismo, um dos nossos lemas deverá ser este: não, senhores, não nascemos sebastianistas, — e *não queremos*, positivamente não queremos, viver como se o fôssemos!"[4]. Será a afirmações tão contundentes como a que a seguir transcrevemos, constante desse mesmo ensaio, que poderemos fazer remontar os primórdios da polémica estrepitosamente deflagrada em 1924–1925:

"O Sebastianismo! Condensado sobre o vulto de um romântico pedaço de asno — desse inexcedível pedaço de asno que foi o senhor rei D. Sebastião, — quanta nubívaga retórica tem ele inspirado à literatura… e à literatice dos nossos dias!"[5]

Alguns anos depois, Sérgio redigiria, a pedido do amigo e colaborador Raul Proença, uma breve introdução histórica para o *Guia de Portugal,* onde avançou hipóteses sobre os pontos relevantes da história de Portugal. Ao referir-se a D. Sebastião, reafirmou o que pensava do Desejado: que o rei fora um fanfarrão e um mentecapto, pois assim se revelara na desastrosa expedição de Marrocos.

---

[3] Sérgio A., 1971, p. 249.
[4] Op. cit., p. 250.
[5] Op. cit., p. 241.

Já no rescaldo da polémica, na sua *Breve Interpretação da História de Portugal* — publicada apenas em 1972, e que é uma versão mais completa da *História de Portugal*, publicada em castelhano, em Espanha, em 1929 — Sérgio volta a referir-se ao sebastianismo, a que agora prefere outra designação:

"O encobertismo nada prova, senão que o povo português, ou uma parte dele, nas crises de abatimento faz o mesmo do que os outros povos — o que fizeram os Galeses com o rei Artur, os Alemães medievais com o seu Frederico, … os índios mexicanos com Quetzalcoatl, os próprios Franceses do século XIX com o conde de Chambord, "l'enfant du miracle", e os Russos de há pouco com Alexandre I."[6]

Entretanto, Malheiro Dias foi convidado, em 2 de Maio de 1924, pelo Director da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o poeta Eugénio de Castro, a proferir uma conferência cujo tema era deixado à sua escolha. Propôs-se o escritor dirigir uma exortação patriótica à Mocidade. Impedido de proferir *ex cathedra* o seu discurso, Malheiro Dias logo tratou de o publicar em volume, que saiu a lume em 1925.

Sérgio não tardaria a replicar, na *Seara Nova*, nestes termos:

"Pouco depois (da publicação da introdução histórica para o *Guia de Portugal*) publica o meu Amigo a *Exortação à Mocidade*: e antes do folheto aparecer a público (em Lisboa, pelo menos) dá para os periódicos dois trechos: um sobre demagogia, liberdade, razão, inteligência, etc., outro sobre D. Sebastião, no qual dizia: 1.º — Que, segundo António Nobre, D. Sebastião era o mais admirável herói da História, e que nisso António Nobre tinha razão; 2.º — Que eu, António Sérgio, errara pensando coisa diversa, por falta do dom do sentimento; 3.º — Que a Mocidade deveria imitar D. Sebastião, o mais admirável herói da História, no ímpeto da luta, no ardor do ideal, na candura patriótica, e tomá-lo, finalmente, como "lição eterna de beleza"; 4.º — Que a minha "blasfémia" sobre o Desejado era um produto desta nossa época, corrompida pelos apetites materialistas e o vampirismo das ambições desenfreadas; 5.º — Que eu, António Sérgio, ando a contar a história mal contada."[7]. E o nosso autor, depois de reproduzir as passagens da *Exortação* que mais o visavam, afirma: "Atacado assim com tal rudez, pois foi o meu

[6] Sérgio, A., 1972, p. 105.
[7] Sérgio, A., 1925, p. 7-8.

Amigo que me atacou, — o que, ao lê-lo, (ninguém diria) e vendo-o a espalhar doutrinas falsas que reputo perniciosíssimas, resolvi justificar o que o que eu dissera, pondo ao alcance da mocidade os documentos em que me fundara ao enunciar o juízo que me impugnou." Tratava-se da antologia publicada em Lisboa, em 1924, com o título *O Desejado – Depoimentos de contemporâneos de D. Sebastião sobre este mesmo rei e sua jornada de África, precedidos de uma Carta-Prefácio a Carlos Malheiro Dias, por António Sérgio.*

Malheiro Dias não tardou a responder, por sua vez, com uma nova edição da *Exortação,* precedida de uma resposta à Carta-Prefácio de Sérgio. Ao que Sérgio ripostaria, na *Seara Nova* (números 43 a 46, de Março a Maio de 1925); neste mesmo ano, em edição da *Seara*, sairia o conjunto destes textos, com o título *Tréplica a Carlos Malheiro Dias sobre a Questão do Desejado, por António Sérgio.* São estas as peças mestras da polémica, prolixo enredo de considerandos de ordem histórica, literária e filosófica, em que também intervieram outros gladiadores, como Martinho Homem de Melo, então chefe da Cruzada Nun'Álvares, discreto mais eficiente preparador do advento do Estado Novo, e, tomando o partido de Sérgio, Mário de Castro, advogado que se formara em Coimbra em 1925, que integrou o grupo da *Seara Nova* e, em 1945, participou nas lutas do MUD (Movimento de Unidade Democrática), juntamente com Sérgio.

II

Quanto a saber qual dos dois duelistas principais terá levado a melhor, cremos que, relativamente a D. Sebastião, Sérgio terá detectado na embrulhada réplica de Malheiro Dias uma "retratação mascarada", ao negar ter apresentado o Desejado como um herói exemplar. O que permite a Sérgio afirmar, num certeiro e irónico *Post-scriptum:* "Na terceira edição do meu *Bosquejo*, em vez das palavras que me censurou: "fanfarrão" e "mentecapto" — porei as suas: "ferrabrás" e "delirante". E acabou-se a questão"[8]

A este propósito, Joaquim Paço d'Arcos viu bem que o elo mais fraco da *Exortação à Mocidade* terá sido "o aproveitamento, como paradigma a venerar, do

[8] Op. cit., p. 94.

rei que nos afundou em Alcácer." (Paço d'Arcos s.d.:177). Se Malheiro Dias lhe tivesse preferido, por exemplo, Nuno Álvares Pereira como modelo a propor à juventude, salienta Paço d'Arcos que "nenhum reparo válido teria esta [a *Exortação*] sofrido, além dos que naturalmente oporiam ao seu nacionalismo ardente e ao antiparlamentarismo de feição integralista, os racionalistas e os democratas que, naquela conjuntura, tiveram em António Sérgio o intérprete vigoroso do seu pensamento." (Paço d'Arcos s.d.: 178)

Uma breve nota ainda sobre a polémica, quanto à "rudez" com que Malheiro Dias o atacara. Parece-nos caber a Sérgio algumas razões de queixa, pois aquele não hesitara em apodá-lo de "livre-pensador", o que forçosamente acarretava o abstrair da ideia de Divindade, pouco faltando para lhe chamar "comunista", ao filiá-lo no "*materialismo histórico* de Marx"[9]. Quanto ao eventual marxismo de Sérgio, quem rigorosamente o desmentiu foi um marxista ortodoxo (mas um *scholar* da maior probidade), o Professor Vasco de Magalhães-Vilhena (1916–1993, nestes exactos termos:

"A filosofia implícita nos seus (de Sérgio) escritos de história sociológica é sempre de facto uma filosofia idealista. Em Sérgio, o reconhecimento dos motivos económicos da acção guerreira, e em geral da acção política, é solidário da convicção que não se deve considerar a estrutura económica como anterior à política, mas sim como contemporânea e inseparável dela. Sérgio recusa as categorias de base económica e de superstrutura: o seu modo de ver não considera a actividade social económica como infraestrutura; vê-as a ambas como dois aspectos "coincidentes", "contemporâneos" (inseparáveis e correlativos): "são a matéria e forma de um processo único."[10]

Todavia, para além desta divergência doutrinária, que não impediu a admiração, a amizade e a colaboração entre os dois intelectuais[11], outra haverá, porventura mais decisiva para Sérgio, sem que tal obstasse à leal colaboração que ele manteve com comunistas e outros sectores da oposição democrática na luta contra o regime do Estado Novo, tanto antes como depois da Segunda Guerra Mundial. Efectivamente — como tão bem pôs em evidência David Mourão-Ferreira na

[9] Malheiro Dias, C., 1925, p. LXXXIX-XC.
[10] Magalhães-Vilhena, V., 1975, pp. 81-82.
[11] Campos Matos, A., 2007, pp. 8-9, pp. 37-49.

comunicação que leu nesta Academia, em 1975, integrada num ciclo de conferências de homenagem a António Sérgio, cinco anos depois da morte do pensador — Sérgio sempre foi visceralmente antitotalitário, fosse qual fosse o sinal político desses regimes. Conta-nos Mourão-Ferreira que "Dirigindo-se um dia a camaradas mais novos que, sem o saberem, estariam à beira de dar o seu aval aos crimes de tais sistemas e de tais regimes, António Sérgio escreveria estas palavras inequívocas: "… Se aquilo que vos impele não é um sectarismo obcecado, mas sim o amor ao progresso, — mas sim a preocupação do bem público, — porque haveis vós de teimar nesse vosso empenho asfixiante (sem graça, sem imprevisto, sem aventurismo mental, sem largueza) que é a uniforme aceitação de uma mesma fé metafísica, que é a árida recitação de uma mesma cartilha ontológica, com a mesma queima inquisitorial de todos os pensadores que são livres? Nasci assim tresmalhado: deixai-me ser como eu sou. Um dia — quem sabe? — haverá leitores que se deliciem de me lerem assim como eu sou: aventuroso, autonómico, original na busca e sem peias, fora da pauta enjoativa e das monótonas recitações de uma escola, — com todos iguais, todos podados, todos ortodoxos, todos conformes, todos entoando em modulações uníssonas a mesmíssima cantilena que já dura há um século". O que Mourão-Ferreira se limitou a comentar, nestes termos: "Pela nossa parte, inútil será indicarmos sequer de que "cantilena" se trata."[12]

Também quanto à insinuação de ateísmo, Malheiro Dias não tinha razão. Sérgio não o seria, e ele próprio se explicou sobre o que pensava de Deus, na décima das suas *Cartas de Problemática,* por exemplo. Não seria um Deus criador, um "Deus-Demiurgo", um "Deus-Poder", cujo rastro ele não descobria na 'Físis'. Esse seu Deus, topa-o Sérgio "… nas aspirações da consciência humana. Por outra maneira: aplico à verdade desse espiritual divino a frase de Santo Agostinho, que Oliveira Martins cita algures: *Noli foras ire: in interiore hominis habitat veritas.*"[13] A "experiência humana" a que sempre me ative", diz ele, foi a de "Deus como ideia na consciência do homem", ou, num tom bem mais intimista, "Deus como menino sem poder algum, simbolizado no presépio da religião cristã"[14]

Quanto ao apodo de "livre-pensador", a utilização desta palavra, só por si, revela bem o atraso da realidade sócio-cultural portuguesa do final dos anos 20,

[12] Mourão-Ferreira, D., 1976, pp. 54-55.
[13] Sérgio, A., 1984, p. 354.
[14] Op. cit., p. 355.

que ainda não fizera, por sua conta, o caminho nietzscheano (ou outros paralelos), tão bem balizado por Guillaume Métayer num ensaio premiado, que vai do livre--pensador ao *espírito livre*, só este assegurando, na sua plenitude, o exercício indeclinável do juízo crítico e de valor, condição indispensável para que a era democrática seja a era da autonomia[15]. "Livre-pensador" saía com pertinência da pena truculenta de Agostinho de Macedo, na respectiva época, mas já soa a confrangedor arcaísmo na de Malheiro Dias.

Já no rescaldo da polémica, Sérgio retomaria, ampliando-o, o tema das doutrinas "falsas e perniciosíssimas" de cuja divulgação Malheiro Dias se tornara réu. Assim, logo em 1926, na conferência intitulada *O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal,* significativamente proferida em Coimbra, escreve Sérgio, logo de entrada: "O problema da cultura, o problema da mentalidade: este é se me não engano, o problema característico do Portugal moderno, o mais grave dos problemas da sociedade portuguesa."[16]

Se até ao fim do Quinhentismo Portugal acompanhou com brio o melhor espírito europeu e a mentalidade dos povos cultos, o que vem depois é, di-lo Sérgio, "o estacar (o cair de golpe) desse Portugal do Renascimento… Passa-se do Reino da Inteligência — para o Reino da Estupidez; e enquanto a França, a Suíça, a Itália, a Holanda, a Alemanha, a Inglaterra fazem ampliar no século XVII as conquistas do Renascimento… nós regressamos à Idade Média no que respeita à faina da investigação científica, da busca da intelecção do Universo. Assim, pode dizer-se resumidamente, do ponto de vista intelectual, que a história do País no Seiscentismo é o espectáculo do estiolamento da mentalidade portuguesa; e que a sua história no século XVIII, e que a sua história no século XIX, é a das goradas tentativas para nos repararmos desse grande mal… Para Ribeiro Sanches, no século XVIII, Portugal é o "Reino Cadaveroso"; e um satírico inteligente [Francisco de Melo Franco] chama-nos "o Reino da Estupidez".

E agora? Agora no século XX? Agora — estamos na mesma. Relativamente, no mesmo estado… A cultura autêntica, a cultura crítica, não impera ainda em Portugal… Não digo isto para desanimar: bem ao contrário: pois nesta mesma cidade em que estou falando, e nos próprios campos onde aloura o trigo, se

[15] Métayer, G., 2011, pp. 114-139, pp. 411-415.
[16] Sérgio, A., 1984, p. 126.

pressente já um arrebol. Vingará? Não sei. Portugal, por enquanto, é ainda o Reino da Estupidez: mas espero que para breve (e para muito breve) a aurora do dia em que o não será."[17]

Esperança vã ou ingénua, a de Sérgio, já que, antes da malograda revolução de Fevereiro de 1927, sob a ameaça de que iria ser preso, inicia, em finais de 1926, o seu primeiro exílio, em França (Paris), donde só regressará a Portugal em Janeiro de 1933.

No tocante a Malheiro Dias, com o correr do tempo e o distanciamento espacial, foi-se apercebendo dos pontos fracos, sobretudo da grave e escusada debilidade relativa à personalidade de D. Sebastião, da sua catilinária contra o Estado liberal da 1.ª República, então agonizante. Numa bela oração que proferiu em S. Paulo, em 1934 — num centro republicano de divulgação cultural, diga-se de passagem — intitulada *Camões e a Raça,* mostra-se o escritor muito cauto nos seus juízos quanto à desejabilidade dos "heróis" prescindirem do bom senso e da prudência, o que denota uma evidente aproximação aos pontos de vista de Sérgio. Para mais, se nessa peça literária abundam as referências a muitos heróis portugueses, do lusitano Viriato a Afonso de Albuquerque, Malheiro Dias fala apenas uma vez do "rei virgem", só para nos dizer que *Os Lusíadas* foram ultimados durante o seu reinado![18] Não admira, assim, que, em 1939, dois anos antes da sua morte, Malheiro Dias tivesse confessado que, na polémica travada com Sérgio, era este afinal quem tivera razão, o que, a ser verdade, só confirma a nobreza do seu carácter.

Resumindo e concluindo, diremos que nesta polémica, de luva branca apesar de tudo, avulta a contraposição clara entre, da parte de Sérgio, uma visão sistemática da história de Portugal — embora empobrecedoramente esquemática e sem ir muito mais longe do que Antero de Quental, um dos heróis de Sérgio, já sinteticamente diagnosticara em *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos Três Séculos,* como poria em evidência Eduardo Lourenço[19] — e a acumulação algo caótica de opiniões, que por vezes se contradizem, por parte de Malheiro Dias. Terá este, porém, alguma razão ao pôr a nu certa estreiteza da

[17] Op. cit, p. 127.
[18] Malheiro Dias, C., 1934, pp. 40-41.
[19] Lourenço, E., 2004, p. 168.

concepção racionalista sergiana. Considerando tendenciosa a distinção operada por Sérgio entre o "critério romântico" e o "critério racionalista", sustenta Malheiro Dias que a controvérsia é a "das duas nossas razões em conflito" e que quem "não está nas condições de tudo sentir não pode tudo compreender"[20]. Poderá dizer-se, a propósito, com Eduardo Lourenço, que o racionalismo de Sérgio é "*essencialmente aproblemático.* Há problemas para Sérgio, mas não dizem respeito ao seu racionalismo. Este é a *resposta* de direito a todos os problemas."[21]. A ausência de qualquer consideração dialéctica no horizonte de Sérgio dá lugar a "um *dualismo* que se traduz na prática por um maniqueísmo pensante."[22]. Não sendo o lado *negativo* objecto de verdadeira *compreensão*, mas de exclusão ou de condenação[23], o que sobressai é uma certa suficiência e arrogância pedagógicas por parte de Sérgio que, no caso vertente, tanto exasperaram o seu opositor, porventura assim levado a obstinar-se na defesa de posições insustentáveis.

III

Se espraiarmos o nosso olhar para além das circunstâncias particulares da polémica, veremos que a situação social, política e cultural que a sobredetermina será a da profundíssima crise, na Europa e no conjunto do Ocidente, da ideologia liberal dominante desde o século XIX, processo este já amplamente estudado por muitos autores, como Umberto Cerroni, Nicos Poulantzas, Renzo de Felice e, entre nós, por, entre muitos outros, Manuel Villaverde Cabral, Fernando Pereira Marques, Manuel Braga da Cruz, Jaime Nogueira Pinto, Vasco Pulido Valente, Rui Ramos, Filomena Mónica e Fátima Bonifácio. Processo de que resultaria a rendição do liberalismo perante a tentação autoritária, *em* quase todas as formações sociais da orla capitalista europeia na década de 20 — e a que não ficaram imunes, entre nós, Malheiro Dias, certamente, mas também intelectuais *seareiros,* como António Sérgio, Raul Proença e Jaime Cortesão, ao preconizarem,

[20] Malheiro Dias, C., 1925, pp. XI-XIII-XVI.
[21] Lourenço, E., 2004, p. 163.
[22] Op. cit., p. 164.
[23] Op. cit., p. 164.

em contraposição ao programa antiparlamentarista das Direitas ao assalto do poder, "boas" ditaduras provisórias, antioligárquicas e preparadoras de uma verdadeira Democracia[24].

Essa crise não afectou apenas o impacto daquela ideologia sobre as classes populares, mas também a relação da burguesia (e seus aliados) com essa mesma ideologia. A crise alastrou no seio da aliança no poder, tendo como consequência, entre outras, a rotura da ligação representantes-representados entre classes e fracções de classe e os respectivos partidos políticos, que entram então em decomposição acelerada. Talvez, por este seu aspecto, o que esteve em jogo na polémica do "Desejado" possa ainda ter interesse para nós, embora vivamos num tempo, a que alguns recusam o qualificativo de "época", aparentemente incomensurável com o do primeiro quartel do século XX. Para Bernard Stiegler, este nosso tempo — ou *época da ausência de época*, a que ele chama *a disrupção* — foi pressentido e anunciado por Adorno e Horkheimer como "nova forma de barbárie"; como 'fim da filosofia' por Heidegger; como advento das "forças impessoais" por Maurice Blanchot; como "monstruosidade" por Derrida, e, antes de todos estes, como "niilismo", por Nietzsche[25].

Na verdade, quase um século depois daquela esquecida polémica, assistimos ao esvaziamento da democracia ocidental, tão bem analisado por Peter Mair, no seu livro *Ruling the Void (título* só por si sombrio, em que demonstra o tremendo declínio da participação política dos eleitorados nas democracias europeias consolidadas, bem como no Ocidente e um pouco por todo o mundo. Mais inquietante ainda, mas estreitamente relacionado com o tema anterior, também se assiste, um pouco por todo o lado, ao rápido e inexorável declínio das classes médias, que, pelo menos na Europa, desde os tratados de Vestefália, em meados do século XVII, foram o sustentáculo do que viriam a ser os Estados nacionais, quase até à actualidade.

(Comunicação apresentada no colóquio de evocação de António Sérgio,
por ocasião do cinquentenário da sua morte
na sessão de 24 de janeiro de 2019)

[24] Gomes Filipe, R, 1985, pp. 14-15-16.
[25] Stiegler, B., 2016, p. 35.

BIBLIOGRAFIA

Campos Matos, A., *Agostinho da Silva e Vasco de Magalhães-Vilhena entrevistados sobre António Sérgio*. Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

Gomes Filipe, R., Introdução in *Em Redor de um Grande Drama* (antologia). (Carlos Malheiro Dias ed.), Lisboa: Vega Ld.ª, 1985.

Lourenço, E., *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa, 3.ª edição, Gradiva, 2004.

Magalhães-Vilhena, V., *António Sérgio – O idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*. Lisboa, Edições Cosmos, 1975.

Mair, P., *Ruling the Void – The Hollowing-out of Western Democracy, London*. New York: Verso Books, 2013.

Malheiro Dias, C., *Exortação à Mocidade-Nova Edição*. Lisboa, Portugal-Brasil sociedade editora, 1925.

Malheiro Dias, C., *Camões e a Raça*. São Paulo; Edições Cultura Brasileira, 1934.

Métayer, G., *Nietzsche et Voltaire.* Paris, Flammarion, 2011.

Mourão-Ferreira, D., "Situação de António Sérgio na História da Crítica Literária" in *Homenagem a António Sérgio,* Lisboa, Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, 1976.

Paço d'Arcos, J.(s.d.) Carlos Malheiro Dias, escritor luso-brasileiro in *Pedras à Beira da Estrada*, Lisboa, Guimarães Editores.

Sérgio, A., *Tréplica a Carlos Malheiro Dias sobre a Questão do Desejado*. Lisboa, Seara Nova, 1925.

Sérgio, A., "Interpretação Não Romântica do Sebastianismo" in *Ensaios*, Obras Completas, Tomo I, Lisboa (1.ª edição), Livraria Sá da Costa Editora, 1971.

Sérgio, A., *Breve Interpretação da História de Portugal, Obras Completas de António Sérgio*. Lisboa (1.ª edição), Livraria Sá da Costa Editora, 1972.

Sérgio, A., *O Reino Cadaveroso ou o Problema da Cultura em Portugal* e *Deus como Ideia na Consciência do Homem* in *António Sérgio – uma antologia,* selecção, introdução e notas de Joel Serrão, Lisboa (2.ª edição) Livros Horizonte, 1984.

Stiegler, B., *Dans la Disruption – Comment ne pas devenir fou?*. Paris, Éditions les Liens qui Libèrent, 2016.

A presente comunicação não segue a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.